

Entre a amizade, a proibição e clandestinidade:

O Partido Nazista no Brasil e as relações com o governo de Getúlio

Vargas

ANA MARIA DIETRICH*

Resumo:

O Partido Nazista no Brasil, filial da Organização do Partido Nazista no Exterior de Berlim, estabeleceu suas bases nesse País entre 1928 e 1938, quando foi proibido por decreto-lei federal que proibia toda a sorte de atividades políticas estrangeiras. Durante 10 anos, momento crucial dentro da História Republicana Brasileira atravessado por momentos como a Revolução de 1930, Revolução comunista de 1935 e Golpe do Estado Novo de 1937, o partido desempenhou livremente suas atividades desde a propaganda política entre os contemporâneos alemães com jornais e estações de rádio passando pelo estabelecimento de diversas instituições nazificadas, como a Juventude Nazista, a Associação de Mulheres Nazistas e a Frente de Trabalho Alemã. Nessa comunicação, ficaremos atentos, no entanto, às relações diplomáticas e políticas estabelecidas entre o então presidente Getúlio Vargas e a Alemanha nazista de Adolf Hitler, destacando o que consideramos serem os três momentos chaves dessa relação: o primeiro caracterizado pelas relações cordiais de amizade entre os dois países, o segundo pela proibição e conseqüente estremecimento de tais relações e por último, o estabelecimento de uma possível clandestinidade após a proibição com uso de nomes fantasias.

Palavras-chaves: partido nazista no Brasil, Nazismo, Era Vargas

Antes mesmo de Hitler tomar o poder, o partido nazista já havia chegado em terras tropicais. O primeiro registro da existência do partido data de julho de 1928. Neste ano — cinco antes da ascensão de Hitler — foi criado um grupo em Benedito Timbó (SC), cidade fundada pelo alemão Frederico Donner em 1869, e que recebeu, nos

* Pós-doutora em Sociologia/ IFCH/ UNICAMP, doutora em História Social/ FFLCH/ USP, docente do Bacharelado de Ciências e Humanidades/ UFABC.

anos seguintes, diversas famílias alemãs e italianas. O grupo regional Timbó do partido nazista não foi só o primeiro do Brasil, mas também do movimento nazista no exterior. Os partidários deste grupo faziam parte de um grande contingente de alemães que emigraram da Alemanha da metade do século XIX até a década de 1920. Calcula-se que 4,62 milhões de alemães migraram para o exterior entre 1845 e 1926 para trabalhar como comerciantes, fazendeiros, colonos, professores e pesquisadores. ¹

Em 1928 (ano de sua fundação), o partido era representado por poucos alemães — em sua maioria no Sul do Brasil e que não tinham vínculo direto com o III Reich. Na década de 1920, no chamado pós-guerra europeu, chegaram novas levas de imigrantes alemães, atraídos pelo mercado de trabalho brasileiro — tanto industrial como comercial. A Alemanha vivia uma profunda crise econômica, em parte consequência do Tratado de Versalhes. Desemprego e inflação eram duas variáveis constantes na República de Weimar. Parte destes imigrantes — chamados *Reichsdeutsche* (alemães de nascimento) — integrou o partido nazista no Brasil, que chegou a 2.903 membros (MORAES, 2001), tendo a maior representatividade de integrantes fora das fronteiras da Alemanha.

Depois de 1930, quando houve a eleição para presidente na Alemanha, surgiram também grupos em outros países da América Latina como Paraguai, Chile e Argentina, assim como em navios da marinha alemã. A história da A.O. foi marcada pela luta contra os judeus e a proteção ao alemão no exterior. Suas atividades se diversificavam entre festejar datas do calendário nazista, promover noites de encontro da comunidade, criar livrarias alemãs e divulgar os ideais nazistas em programas de rádio e na imprensa alemã de cunho nazista. Durante a II Guerra, o movimento se concentrou na ajuda com mantimentos e cuidados com feridos do exército alemão nos outros países. (Ibid.)

Aos poucos, o partido nazista no Brasil que seria somente um grupo apartado de sua matriz foi se desenvolvendo e, em 1931, com a composição da primeira diretoria, tornou-se oficial. Deste ano até 1933, a sede nacional era localizada na cidade do Rio de Janeiro e, a partir de 1934, foi transferida para São Paulo, e Hans Henning von Cossel foi nomeado o *Landesgruppenleiter* (chefe do grupo nacional do partido no Brasil). O ano de 1931 coincidiu com a data da fundação do “Departamento do exterior

¹ KÖNIG, Alfred. “15 Jahre Auslands-Organisation”. Deutsche Allgemeine Zeitung. 2 jul. 1943. Ata 127875. AA/B, Alemanha.

do NSDAP” (*Auslandsabteilung der Reichsleitung der NSDAP*). Neste momento, o partido nazista no Brasil passou a ter ligação direta com o III Reich e a receber as ordens e as regras deste departamento. Nessa época, um dos objetivos principais do partido era favorecer as eleições de Hitler e, nesse sentido, os alemães residentes no Brasil representavam um grande potencial de votos.

Em abril de 1933, o partidário Herbert Guss foi indicado para o cargo de homem de confiança no Brasil e para chefe do partido nazista em solo brasileiro. O departamento dos alemães no exterior afirmou que a nomeação deste partidário iria fomentar as relações entre o Brasil e a Alemanha.² A principal obrigação do chefe nacional do partido foi fomentar o desenvolvimento do partido no exterior, aumentando suas bases numéricas. Foi dado o direito de nomear e suspender os chefes dos grupos menores no País, dos grupos regionais (*Ortsgruppen*) e dos grupos de apoio (*Stützpunkte*). Apesar desta relativa autonomia, tanto para nomear quanto para suspender, o chefe nacional deveria avisar imediatamente os dirigentes na Alemanha.³ Ele não poderia agir sem aval da matriz na Alemanha.

Guss não foi bem sucedido na sua missão de chefe do partido no Brasil. Em abril de 1933, ele foi suspenso pelas ordens de um telegrama, no qual se alegava “desonrosa conduta”, sem entrar em outros detalhes.⁴ Com a saída de Guss, foi detonada a primeira crise política do partido no Brasil. Para solucioná-la, foi chamado com “plenos poderes” o chefe do partido do Chile, Willy Kohn, em junho deste mesmo ano. Os partidários e os serviços do partido ficaram subordinados a sua liderança.⁵

Tal situação não durou muito. O grupo brasileiro foi rapidamente rearticulado com a nomeação de Hans Henning von Cossel para chefe do partido nazista no Brasil em junho de 1934 e a transferência da sede nacional para São Paulo. Figura emblemática, passou a fazer parte da história do partido até a sua dissolução. Cossel era o que consideramos um *Führer* tupiniquim, tal o respeito pelas autoridades — brasileiras e alemãs — e o apoio da colônia alemã.

2 NS 9 296a. BA/B, Alemanha.

3 Idem.

4 NS 9 296a. BA/B, Alemanha.

5 Procuração. München, 30 jun. 1933. NS 9 296a. BA/B, Alemanha. Ver também: MORAES, 2001, p. 107-108.

Nos anos 1930, com o fomento das relações comerciais e culturais entre os países, há um fato que merece relevância: as relações são elevadas para embaixada. Toda a década de 1930 foi marcada pelo comércio entre os dois países. Com relação a acordos políticos, havia veladamente uma caça aos comunistas e a troca de informações entre as polícias secretas de Alemanha e Brasil, além da expulsão de alguns judeus comunistas, como foi o caso de Olga Benário. Em um documento de 1936, um representante do III Reich se referiu às relações brasileiras como satisfatórias, apesar da “ameaça judaico-comunista”.⁶

Em relatório político de 1935, ao descrever as relações políticas entre a Alemanha e o Brasil, o enviado alemão Schmidt-Elskop afirmou que o diagnóstico era bem promissor. Mesmo com a revolução comunista de 1935, as relações continuaram “profícuas e amigáveis”. A recepção ao governo nazista por parte dos governantes e de círculos privados brasileiros também teria sido boa:

*Tanto no governo, como também em círculos privados encontra-se nas pessoas, mais freqüentemente que nos anos anteriores, maior compreensão para com os interesses da nova Alemanha e não raramente havia entre eles calorosos intercessores para o movimento nazista.*⁷

Os órgãos policiais, nesta época voltados ao desbaratamento do partido comunista, segundo o enviado alemão Schmidt-Elskop, não coagiam a ação do grupo nacional do partido nazista porque ele agia de forma “correta e leal”.⁸ Houve um pouco de temor de que o nacionalismo brasileiro, já nesta época, atentasse contra as escolas e a vida nas colônias alemãs, mas isto não aconteceu. O comércio entre os dois países, desde 1934, também foi intensificado. Segundo artigo na revista *Der Auslanddeutsche* (o alemão no exterior), poderia ser verificado, inclusive, que algumas autoridades regionais compareciam aos encontros nazistas da comunidade alemã e chegavam até a fazer discurso apoiando o governo alemão. No caso do governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, ele salientou, em 1937, a importância da presença dos alemães no Brasil com o objetivo de “melhorar a raça brasileira”.

Para as festividades em Porto Alegre apareceu o governador de Estado do Rio Grande do Sul e fez um discurso, onde elogiou com grandes palavras a

6 Ata 104945. AA/B, Alemanha.

7 Politischer Jahrebericht, 1935. von Gez. Schmidt-Elskop, 12 out. 1935.

8 Idem.

*diligência e o amor à ordem do germanismo rio-grandense-do-sul como “componente racial do muito valoroso povo brasileiro”. Além disso, ele demonstrou sua admiração pelo trabalho do ímpeto do III Reich.*⁹

Na esfera pessoal, o casamento do filho do presidente Luthero Vargas com a alemã Ingeborg Tenhaeff foi motivo de correspondência entre os dois países e se tornou símbolo destas “cordiais” relações.¹⁰

Nestes primeiros anos da existência do partido nazista no Brasil, os serviços e a hierarquia foram sendo estruturados, culminando na nomeação de chefe da A.O., Ernst Wilhelm von Bohle para o Ministério das Relações Exteriores em Berlim, em 1937. Tal fato fez com que a importância da A.O. dentro da hierarquia do III Reich fosse aumentada. Isto repercutiu nas células no exterior. Ao se comparar a complexidade da hierarquia do partido nazista no Brasil em 1934 e 1937, temos uma diferença marcante. Tomando a cidade de São Paulo como exemplo, percebemos que, no último ano, as funções haviam se multiplicado e as células do partido haviam se disseminado em outros bairros. Outras associações partidárias como a DAF (Frente Alemã de Trabalho) e a Associação de Mulheres Nazistas, inexistentes nos primeiros anos do partido, também tinham se expandido e aumentado o número de suas células. As reuniões partidárias também estavam melhor organizadas, aconteciam com maior frequência e em novas células do partido.¹¹

Nos anos de funcionamento do partido (1928-1938) foram encontrados diversos documentos que fazem referência a esta “boa relação” entre os dois governos. Como exemplo, podemos citar a correspondência entre Getúlio Vargas e Adolf Hitler em novembro de 1937, por ocasião da troca de embaixadores alemães no Brasil (Arthur Schmidt-Elskop foi substituído por Karl Ritter), na qual se percebe que, mesmo alguns meses antes da proibição, as relações eram boas entre os dois países, e Getúlio Vargas chamava o chanceler alemão de “grande e bom amigo”:

A sua Excelência e Senhor Adolf Hitler,

Grande e Bom amigo,

9 *Der Auslandsdeutsche. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum* Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20 out. 1937. IFA/S, Alemanha.

10 Ata 27916. AA/B, Alemanha.

11 Mais detalhes no sub-capítulo “Associações partidárias”.

Recebi a carta pela qual Vossa Excelência houve por bem participar-me que, tendo resolvido chamar o Senhor Doutor Schmidt-Elskop, deu por finda a Missão que ele desempenhava no Brasil, na qualidade de Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Alemanha. Posso assegurar a Vossa Excelência que o Senhor Doutor Arthur Schmidt Elskop, durante a permanência aqui soube, pelas suas distintas qualidades, grandecer a estima, e sympatia do governo e do Povo brasileiro, processando sempre manter e estreitar, cada vez mais, as relações de boa amizade, felizmente existente entre os dois países. 12

Durante todo este tempo, a propaganda transcontinental do nazismo foi pensada por ideólogos alemães como Göring, Goebbles e Rudolf Hess. Por meio de diferentes discursos veiculados em revistas e jornais, os alemães no exterior eram convidados a participar da grande Alemanha por meio de diferentes tipos de “apelos”. “O líder te chama. Göring precisa de você”, por exemplo, foram slogans comumente veiculados.

Segundo tais discursos, havia um dever do alemão de professar a ideologia nazista e obedecer às ordens do Führer, mesmo quando o Führer pedia “sacrifício”.¹³ Estabeleceu-se uma boa comunicação entre as ordens da matriz e a filial: discursos e festividades voltados para o alemão no Exterior, encontros dos partidários da célula do Brasil com os líderes do partido na Alemanha, rígido controle dos acontecimentos ligados à colônia alemã pelos líderes partidários e diplomatas.

Dois fatos marcaram a história da A.O. O primeiro, em 1934, foi a transformação do Departamento do Alemão no Exterior em Organização do partido nazista no Exterior, tornando-se um *Gau* (comarca). O segundo, diz respeito à nomeação do líder do movimento nazista no exterior, Wilhelm von Bohle, a “chefe da A.O. no Ministério das Relações Exteriores na Alemanha”, em 1937. Jornais do mundo inteiro, inclusive do Brasil, escreveram longos artigos sobre o acontecimento.¹⁴ A preocupação maior era que, com esta medida, as resoluções de Bohle e do movimento nazista no exterior ganhassem um caráter ministerial, uma vez que, alocado dentro do

12 Carta de Getúlio Vargas para Adolf Hitler. Rio de Janeiro, 22 nov. 1937. Ata pessoal 013519 / 459. Embaixador Schmidt-Elskop. AA/B, Alemanha. Grifos meus.

13 Worte an die Auslandsdeutschen zur V. Reichstagung der Auslandsdetuschen in Stuttgart. 29. August bis 5. September 1937. *Der Auslandsdeutsche*. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschum Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20 out. 1937. IFA/S, Alemanha.

14 *Le Moment*, 31 mar. 1937; *Dimineata*, 1 abr. 1937; *Times*, 22 dez. 1937; *Argus*, 3 fev. 1937; *Republica Lodz*, 10 fev. 1937. Ata pessoal Ernst Wilhelm Bohle, 001368. AA/B, Alemanha.

Ministério das Relações Exteriores, ele passou a ter todo o aparato diplomático à sua disposição.

A partir desta resolução, cada alemão no exterior estaria ligado a A.O. O nazismo internacional, segundo a imprensa alemã, daria um passo em direção ao que representava o comunismo na época: “O correspondente berlinense da Reuter observou que, com esta medida, a tarefa de Bohle significa um ponto de partida do nazismo internacional como correspondente ao comunismo internacional”.¹⁵

Em 1941, a revista *Deutschtum im Ausland* publicou um artigo em homenagem ao 25º aniversário do Germanismo na América do Sul.¹⁶ A revista afirmou que havia uma forte pressão política dos Estados Unidos e da Inglaterra para que estes países da América do Sul se posicionassem a favor dos Aliados. Naquele momento (1941), muitos destes países continuavam neutros no conflito mundial. A propaganda americana e inglesa divulgava freqüentemente que a concentração de colônias alemãs nestes países, pela “infiltração nazista”, representava uma ameaça à democracia, fortalecendo a imagem dos alemães enquanto quinta-coluna.

O contexto da II Guerra Mundial mudou não somente a conjuntura política destes países da América do Sul, mas também as ordens e diretrizes da A.O. para estes países e as outras células no exterior. Ele marcou a divisão da história do movimento nazista no exterior em dois momentos principais: o primeiro, quando o tônus era unir os alemães em todos os países do exterior, incluindo a América Latina, e o segundo, voltado para os personagens principais da II Guerra, os países da Europa.

No caso do Brasil, o primeiro momento se deu, de maneira explícita, quando os líderes da A.O. divulgaram a idéia e repetiram constantemente o “chamado” aos alemães no exterior, em discursos e artigos em jornais e revistas. Com o advento da II Guerra, deu-se o segundo momento, e as ações do movimento foram direcionadas principalmente para o conflito, para cuidar de prisioneiros de guerra e fomentar possíveis ações de repatriamento. A Associação das Mulheres Nazistas aumentou de importância no trabalho intenso como enfermeiras dos feridos de guerra.

A proibição e os anos seguintes: um partido clandestino

15 Escher Tageblatt, 5 fev. 1937. Ata pessoal Ernst Wilhelm Bohle, 001368. AA/B, Alemanha.

16 *Deutschtum im Ausland*, julho de 1941.

De acordo com o decreto-lei nº. 383, de 18 de abril de 1938, o partido nazista e as agremiações políticas estrangeiras foram proibidos. Poucos meses antes desta promulgação, o então embaixador alemão no Brasil, Karl Ritter, teve uma audiência com o presidente Getúlio Vargas e se queixou da medida e também da posição da imprensa brasileira contra a Alemanha. Ritter disse pessoalmente ao presidente que estas medidas iriam causar uma repercussão ruim nas relações comerciais e políticas entre Brasil e Alemanha. Segundo ele, todos os países que haviam proibido o funcionamento do partido nazista passaram a ser considerados inimigos da Alemanha. O embaixador alemão argumentou também que, além dos partidários serem só alemães, eles eram instruídos a não influenciar na política local.

Afirmou Ritter:

Eu deixei claro para ele (Getúlio Vargas), o que significa o partido nazista na Alemanha e para a Alemanha. Acrescentei que os integrantes do partido no Brasil são somente cidadãos alemães e têm a rigorosa instrução da alta cúpula de se abster de se interferir nos assuntos internos brasileiros. 17

Ritter contou que foi recebido amigavelmente após a longa espera de duas horas —demasiada para os padrões alemães, normal para os brasileiros — e que, a cada pergunta, o presidente fazia longas pausas enquanto seus olhos fitavam a janela. Sobre a proibição, o presidente teria encontrado uma resposta bem “brasileira”, ou seja, sem tirar a razão do então embaixador, justificou que o partido nazista só foi proibido porque ele não poderia conceder uma exceção, uma vez que todos os partidos foram proibidos, inclusive os brasileiros. Nesta mesma direção, Getúlio Vargas tentou um jeito “tropical” de pedir desculpas. Para suavizar a medida da proibição, ofereceu sacas de café ao Auxílio Alemão de Inverno. Mas o governo alemão debochou da atitude, dizendo que café no Brasil era muito barato e que as sacas seriam jogadas na água, caso não fossem doadas, mas por fim resolveu aceitar.¹⁸

A proibição do partido influenciou negativamente as relações diplomáticas entre os dois países, que caminharam, nos próximos anos, para o rompimento e conseqüente

17 Von Karl Ritter an Auswärtiges Amt. Deutsche Botschaft, Rio de Janeiro, 3 mar.1938. Ata 104945. AA/B, Alemanha.

18 Ibidem.

posicionamento do Brasil ao lado dos Aliados no conflito da II Guerra Mundial. O governo alemão não aprovou a medida, pois argumentou que não se tratava de um partido no sentido da palavra, mas de um movimento do povo alemão. Além do encontro com Vargas, uma extensa correspondência foi trocada na ocasião e o embaixador Karl Ritter teve audiências também com o Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, sem que o governo brasileiro voltasse atrás com a proibição.¹⁹ A principal consequência foi o corte das relações amigáveis mantidas até então entre os dois países. Na mentalidade das autoridades nazistas — uma vez que o partido representava a Alemanha — o Brasil se tornou inimigo da Alemanha ao proibir o partido.²⁰

Neste momento, apesar de interessar a Vargas as boas relações com a Alemanha, ele não viu outra solução a não ser a proibição.²¹ Se o partido continuasse funcionando, poderia haver confronto com o projeto de gestão do Estado Novo, que previa a proibição de atividades políticas. Minorias estrangeiras e suas propostas políticas ditas “exóticas” prejudicariam a construção da identidade nacional brasileira. Mesmo antes de sua proibição, apesar da instrução de não influenciar a política local, o partido chegou a chamar a atenção da imprensa brasileira. Muitos jornais noticiaram recorrentemente o problema da “nazificação” dos estados do Sul. A proibição não se estendia apenas ao partido, mas a qualquer atividade que tivesse um cunho político. Outros partidos políticos estrangeiros em atividade no Brasil haviam “caído”, como o Fascio e a Falange.²²

Bohle, o chefe da A.O., aconselhou ao Brasil a aceção de novas medidas em que o partido não exerceria suas atividades como organização, mas deveria procurar “outras formas” para se manter, de maneira “fácil e rápida”.²³ Os líderes nazistas partiriam para uma nova política na qual o partido — sob uma nova aparência — trabalharia em conjunto com a embaixada e os consulados. Outra medida foi a decisão, de maneira drástica, do não-envolvimento em conflitos políticos. “Depois da proibição e

19 Ibidem.

20 Ibidem.

21 Ibidem.

22 Bericht über “Gesetz ueber das Verbot auslaendischer politischer Parteien in Brasilien” v. gez. Ritter. Deutsche Botschaft, Rio de Janeiro, 21 abr. 1938. (3f) Ata 27916. AA/B, Alemanha.

23 Idem.

dissolução das organizações nazistas, as associações, escolas e igrejas permanecem como mantenedores do trabalho cultural alemão”.²⁴

Ao justificar a mudança da política interna brasileira que ocasionou a proibição, Ritter desfechou ataques aos Estados Unidos, que teriam feito grande pressão para que isto acontecesse, aos judeus imigrantes e à Igreja Católica, tudo isto aliado ao *nativismo brasileiro*, definido como uma “corrente de inveja dos alemães desenvolvidos”:

Outro motivo para a mudança dos rumos da política no Brasil teria sido a suspeita da participação do partido nazista na tentativa de golpe integralista liderada por Plínio Salgado, em maio de 1938, o que foi categoricamente negado pelas representações consulares e pelo líder do partido, von Cossel.²⁵ Além da imprensa e do governo brasileiro, foram encontrados outros “culpados” para a degradação do *Deutschtum* (germanismo). Segundo o partidário Herbert Koch, morador de Porto Alegre desde 1933, os *Deutschbrasilianer* (brasileiros descendentes de alemães) também foram responsáveis pela não-manutenção dos hábitos culturais alemães.²⁶

Um problema possível em consequência da proibição do partido seria a influência da política brasileira em outros países da América do Sul. Segundo o relatório, o Brasil daria a falsa impressão para estes países que os decretos varguistas contra os alemães não tinham nada de anormal e que os brasileiros queriam que houvesse continuidade das relações amigáveis entre o Brasil e a Alemanha.²⁷

Após 1938, as ações do partido tornaram-se mais discretas e a documentação, mais rara. O A.O. passou a se comunicar com o Brasil por intermédio de seu correspondente oficial, o ex-chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel, que permaneceu em território brasileiro, sem ser preso, mesmo após a proibição. As ações do partido ficaram ainda mais centralizadas em suas mãos.

Nos anos em que o Brasil se encontrava neutro no conflito (1939-1941), foram registradas diversas reações dos brasileiros contra os alemães, identificados geralmente como os “quintas-colunas”. Muitos brasileiros não viam com bons olhos a propaganda

24 Abschrift. Lagebericht. Santa Cruz, August 1938. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

25 Politischer Bericht von Deutsche Botschaft, Rio de Janeiro, an das Auswärtige Amt, Berlin. Rio de Janeiro, 15 jun. 1938. Inhalt: Brasiliens innerpolitische Lage und Verhältnis zu Deutschland. Ata 127503. AA/B, Alemanha.

26 Bericht über die Hetze gegen das Deutschtum und die letzten politischen Ereignisse in Brasilien. Von Herbert Koch. Mühlhausen, 20 ago. 1938. Ata 127503. AA/B, Alemanha.

27 Idem.

nazista no Brasil. A partir de 1942, com a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados, deu-se uma mudança efetiva na relação entre os dois países: o Brasil, como país inimigo, passou a receber um tratamento diferente de até então, quando ainda era neutro no conflito. Com a retirada mútua das embaixadas, diversos diplomatas e alemães que ocupavam altas posições em empresas e instituições alemãs no Brasil, deixaram o país, entre eles, von Cossel.

Vários alemães foram presos, identificados ou internados no Brasil. Em algumas cidades do Sul, houve quebra-quebra e saques de estabelecimentos alemães. A atenção do III Reich se voltou para estes alemães considerados injustiçados: uma extensa correspondência foi trocada, por intermédio da Embaixada da Espanha. Com a proibição de jornais de cunho nazista, tornou-se difícil a divulgação de eventos do partido e da Frente de Trabalho Alemã. Os partidários caracterizaram tal processo como uma campanha de perseguição ao *Deutschtum* (germanismo). Foi encontrada uma explicação de cunho racial para este processo: Getúlio Vargas seria maçon no 33º Grau. **28**

Mesmo antes da proibição, alguns núcleos locais do partido já haviam sido fechados e alguns de seus líderes, presos. Após a proibição, foram concedidos alguns meses para o partido fechar inteiramente as portas. As prisões voltariam com mais frequência com o rompimento das relações diplomáticas e a declaração de guerra ao Eixo. Houve muitos protestos contra as prisões e maus-tratos aos alemães. Ocorreram diversas reclamações de alemães que foram presos junto a negros e mulatos brasileiros e tratados da mesma maneira. Alguns presos alemães chegavam a manifestar um duplo preconceito contra os brasileiros: eram negros ou mulatos e também comunistas.²⁹

Descrevendo o caso de como aconteceu a prisão do líder do partido nazista no Rio Grande do Sul, o partidário Herbert Koch forneceu vários detalhes do funcionamento da organização:

Eu era empregado pela diretoria distrital responsável pela administração distrital do partido nazista e da Frente de Trabalho Alemã no Distrito do Rio Grande do Sul. Nós trabalhamos em nossas salas de escritório, que estavam alocadas na Casa Alemã, uma casa alugada, onde até março deste

28 Bericht über die Hetze gegen das Deutschtum und die letzten politischen Ereignisse in Brasilien. Von Herbert Koch. Mühlhausen, 20 ago.1938. Ata 127503. AA/ B, Alemanha.

29 R127503, R127875, R104945, R27916, R104940.

ano [1938] foram realizadas as festas de eventos ligados ao partido nazista, a Frente de Trabalho e a VRD. Em 23 de fevereiro o chefe deste distrito do partido, o partidário Ernst Dorsch foi preso em sua casa e foi feita uma busca em sua residência. Foram apreendidos além de alguns de nossos jornais alemães, somente algumas de nossas atas de caixa.(...) Quando o companheiro Dorsch, durante a tarde, ainda não havia retornado, informamos novamente o consulado, onde foi-nos dito, que o companheiro Dorsch estava confinado na prisão e não seria possível ser visitado.³⁰

Mais do que a prisão, o que causou profundo desagrado aos demais partidários foi que seu líder havia sido preso junto a brasileiros comunistas “negros e mulatos”, fato considerado uma ofensa à “raça ariana”:

Somente agora às 19 horas, o nosso líder foi solto. Só agora ficamos sabendo que ele não foi, como o sr. Cônsul afirmou, preso em uma cela sozinho, mas ele ficou junto a 13 brasileiros (negros e mulatos), que foram todos presos, também o tratamento deixou muito a se desejar.³¹

Koch contou que depois da prisão de Dorsch foi detonada a desarticulação dos núcleos do partido do Rio Grande do Sul com a prisão de seus líderes. Em resposta a um enérgico protesto da Embaixada no Rio de Janeiro ao governo brasileiro, os partidários foram soltos, mas tiveram que custear as despesas para voltar para a casa e, a partir daquele momento, manter-se em contato com a polícia brasileira. Paralelamente, a Casa Alemã, onde funcionavam as atividades do partido, foi fechada. Não demorou muito para se efetivar a proibição oficial em 18 de abril.

Como no caso de Koch, muitos alemães foram repatriados neste período. Para incentivá-los, havia compensações cambiais em marco alemão. Isto foi uma tônica tanto para os anos de amizade quanto após a proibição. A A.O. tinha um serviço especial para organizar a volta de alemães que moravam no exterior, fornecendo, inclusive, verba para seu restabelecimento.³² Alguns documentos indicam a A.O. como agência selecionadora de imigrantes que poderiam voltar à Alemanha. Dentro desta política, havia uma preocupação do III Reich de saber quem poderia se beneficiar destas medidas de câmbio, também chamadas de medidas de repatriamento. Torna-se claro que um dos objetivos da A.O. foi o estímulo ao repatriamento.³³

30 Bericht über die Hetze gegen das Deutschtum und die letzten politischen Ereignisse in Brasilien. Von Herbert Koch. Mühlhausen, 20 ago. 1938. Ata 127503. AA/ B, Alemanha.

31 Idem.

32 O alemão que desejasse retornar, porém, deveria se submeter à aprovação de seu atestado de antecedentes pelo consulado alemão. DIETRICH, 2001, op. cit.

33 Carta de gez. Dr. Ehrih.Berlin 27 mai. 1938. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

Apesar disto, houve sérias críticas à onda de reintegração forçada em função da campanha difamatória dos alemães, das prisões e dos maus-tratos, ocasionados pela política de *nativismo* do governo brasileiro.

O governo alemão citava em seus relatórios que a “culpa” por tal mudança de política, justamente com os brasileiros até então tão “amigáveis”, era dos americanos e judeus. Oswaldo Aranha, ministro das relações exteriores do Brasil na época, foi considerado nos relatórios como protetor dos EUA e inimigo da Alemanha.³⁴ A diplomacia alemã, no entanto, não deixou vir à tona tais documentos, que circulavam em caráter secreto. Mas cobrou do governo brasileiro uma mudança de atitude com relação ao que eles chamavam de perseguição aos alemães, que teria se iniciado em 1938 com a promulgação dos decretos-leis de nacionalização de estrangeiros e se intensificado com a entrada do Brasil na II Guerra ao lado dos Aliados. Nos diversos casos de liquidação de bancos e de empresas alemãs acontecidas neste período, a Embaixada da Espanha, que representava os interesses dos alemães no Brasil, cuidou das indenizações de inúmeros funcionários alemães que perderam seus empregos com estes processos.³⁵

O Brasil, por intermédio de seu Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, respondeu às questões alemãs em relação à proibição do partido. Quanto à afirmação de que o partido nazista representava a própria Alemanha, Aranha contestou dizendo que a soberania brasileira não deixaria nenhum poder estrangeiro participar da política interna do Brasil, com exceção de representações consulares e embaixadas.³⁶

Na mesma direção da chamada “perseguição” aos alemães, o jornal inglês *Times* denunciou em uma reportagem a organização do nazismo no Sul do Brasil. Segundo o *Times*, o principal questionamento era com relação à nacionalização do povo alemão em solo brasileiro. Perguntava-se se havia intenção de uma invasão de Hitler no Brasil por uma política de expansão territorial. Paralelamente, afirmou-se que havia infiltração

34 Abschrift, 8 jun.1938. „Übersicht über die Lage in Brasilien“. R127503. AA/B, Alemanha.

35 813, 814, série Madrid. AA/B, Alemanha.

36 R104940. AA/B, Alemanha.

nazista neste País.³⁷ Após a publicação deste artigo, jornais brasileiros passaram a prestar mais atenção aos acontecimentos relacionados aos alemães no Sul do Brasil.³⁸

Ao contrário do previsto, a proibição do partido não significou o rompimento total de suas atividades. Elas apenas foram rearranjadas, os líderes realocados, núcleos fechados, a propaganda feita de outra forma. O líder do partido, Hans Henning von Cossel, por exemplo, continuou no Brasil e foi transferido para a Embaixada Alemã do Rio de Janeiro como adido cultural. As instruções de como as atividades deveriam ser reorganizadas vinham diretamente do Reich para Cossel, ainda considerado, em correspondência, como chefe do partido.

Ele próprio viajou algumas vezes para a Alemanha para ser instruído de como deveria agir sobre a proibição. O partido foi “oficialmente” interdito, mas, em clandestinidade, funcionava sob a fachada da Frente Alemã de Trabalho. No cotidiano do partido, no período de 1938 a 1942, quando foram rompidas as relações, pouco se alterou. Pelas notícias do *Deutscher Morgen* percebe-se que o que era explícito do partido deixou de ser publicado, mas notícias da Alemanha e dos seus avanços e recuos na II Guerra, permaneceram.

As ordens do Reich foram que, a partir da proibição, as cartas do movimento nazista internacional para o Brasil deveriam estar cercadas de um cuidado extraordinário, apenas endereçadas a um endereço especial, designado apenas como “serviço 4”. Deveriam também ser evitadas diretrizes ao partidário Cossel, segundo “ordem” vinda de Berlim em 1940:

Ref: correspondência com o Brasil. É mais uma vez apontado de maneira clara, que todas as cartas e material impresso, enviados para o Brasil pelo correio deverão ser observadas com um cuidado extraordinário. Todas as cartas deverão ser enviadas por meio do serviço 4. Deverão ser evitadas o envio de diretivas diretas para o companheiro partidário von Cossel, seja por via telegráfica, seja por via escrita.³⁹

Até mesmo um ano antes da proibição, havia o cuidado do III Reich de como se dava a atuação do partido nazista no Brasil. Uma série de telegramas cifrados entre

37 “O Times e as influências nazistas no Brasil” In: *Correio da Manhã*, 3 set. 1937. Ata 104939. AA/B, Alemanha.

38 Ibidem.

39 Anweisung, Berlin, 22 jun. 1940, Organisationsamt. NS 9 15. BA/B, Alemanha.

Cossel e a Alemanha é demonstrativo disto. Um destes telegramas — de 1937 — negava a interferência política do partido nazista no Brasil: “Foram apresentadas poucas informações com fundamento sobre a alegada intromissão do partido nazista no Brasil”.⁴⁰

Um pouco menos de um mês **após** a proibição, Cossel enviou — em nome de todos os partidários do Brasil — um telegrama para Ernst von Bohle, chefe da A.O., parabenizando-os pelos cinco anos de atividade da organização: “Pelo 5º ano de sua bem-sucedida atividade como chefe de Gau envio ao senhor desejos de coração de boa sorte e saudações de todos os companheiros do grupo do partido nazista do Brasil”.⁴¹ Neste momento, Cossel tomava a frente de vários problemas, como por exemplo, a questão de financiamento de escolas alemãs durante a guerra.⁴²

Outros telegramas demonstram que a Frente de Trabalho havia tomado o lugar do partido, como um, expedido em 1940, escrito pelo chefe da A.O., von Bohle, para uma pessoa identificada apenas por “Steffin” pedindo para pagar mil réis em dinheiro para DAF-A.O.⁴³ (Frente de Trabalho- A.O.). Em março do mesmo ano, mais uma vez a chefia da A.O. em Berlim se comunicou com a DAF para solicitar a nomeação de um homem de confiança da organização no Brasil.⁴⁴

Percebe-se que, astutamente, a A.O. fez um arranjo para que o partido continuasse atuando em território brasileiro, mas sem o título. Para burlar a repressão e a censura brasileiras, Prüfer, então embaixador no Brasil, escreveu para Bohle, chefe da instituição em 1939, sugerindo para omitir a informação que a correspondência era da A.O., matriz do nazismo internacional. Com Cossel ainda a frente do partido, foi definido que, como código, a correspondência da instituição passaria a vir registrada como: “Questões sobre cidadãos alemães”.

40 Telegrama de Hans Henning von Cossel. São Paulo, 1937. R104945. AA/B, Alemanha. Outros: Brief von gez. Von Cossel bis Herr Schmidt. Rio de Janeiro, den. 14 mai. 1938. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

41 Telegramm von von Cossel an Gauleiter Bohle. Rio de Janeiro, den 7 mai. 1938. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

42 Telegramm Von Cossel / Prüfer für Staatssekretär Bohle an Chef AO. Rio de Janeiro, 21 mar. 1940. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

43 Telegramm von Bohle für Steffin, Diplogerma Rio de Janeiro. Berlin, 1 fev. 1940. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

44 Oficio von Alvermann für A.O. der NSDAP, Amt für Beamte, im Hause. 14 mar. 1940. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

Devido à insegurança crescente no envio de cartas oriundas do Brasil e enviadas a este País faz-se necessário uma mudança nos procedimentos para a correspondência relativa a assuntos da A.O. Deverá ser doravante escrito em papel timbrado da Embaixada ou do Ministério das Relações Exteriores sem nenhuma indicação de partido ou A.O.⁴⁵

Mesmo com todos esses estratagemas, a medida oficial da proibição dificultou as atividades do partido no Brasil. Cossel explicou ao seu chefe em Berlim, Ernst von Bohle, identificado no telegrama com o pseudônimo “Hübner”, que o trabalho da organização da A.O. no Brasil estava cada vez mais difícil, principalmente devido à comunicação:

Peço para informar, Hübner, tão logo quanto possível, com referência a carta de 29 de maio, nossa situação referente ao trabalho da A.O. está bastante difícil e por meio de telegramas “abertos” ainda se tornou mais precária.⁴⁶

Esta série de correspondências nos levou a concluir que, mesmo após a proibição em abril de 1938, o partido continuou funcionando, utilizando diversas artimanhas para continuar suas atividades. Enquanto houvesse o chefe do partido, Hans Henning von Cossel e este não havia sido preso, nem deportado, enquanto houvessem os consulados e embaixadas alemães, havia a presença do III Reich no Brasil. Tal situação somente mudou em 1942, com o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha e a conseqüente deportação de Cossel e outros diplomatas, fechamento de consulados e embaixadas e prisões de alemães.

45 “Zunehmende Unsicherheit bei der Postverbindung von und nach Brasilien zwingt zur Umänderung des bisherigen Schriftverkehrs in AO – Angelegenheiten. Diese müssen in Zukunft auf Briefpapier der Botschaft oder des Auswärtigen Amt ohne Hinweis auf Partei oder AO geschrieben werden”. Entzifferung von Prüfer für Herrn Staatssekretär Bohle persönlich. Rio de Janeiro, 16 dez. 1939. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

46 Telegramm noch prekärer geworden”. Entzifferung von Cossel, Prüfer für Staatssekretär Bohle an das Auswärtige Amt. Deutsche Botschaft, RJ, 27 jun. 1940.